

CORREIO NO MUNDO

Szilárd Koszticsák/MTI



Péter Magyar em discurso à população húngara

Os primeiros desafios de Péter Magyar como premiê da Hungria

Um dia após a vitória histórica nas eleições da Hungria, Péter Magyar, futuro primeiro-ministro, ainda recebe felicitações, mas já começava a enfrentar pressões internacionais. Entre elas, a cobrança do governo alemão para que encontre rapidamente uma solução para o empréstimo europeu de € 90 bilhões destinado à Ucrânia, bloqueado pelo líder derrotado. Em entrevista, o eurodeputado destacou como prioridade o desbloqueio de cerca de € 20 bilhões em fundos europeus, atualmente retidos devido a violações do Estado de direito durante o governo anterior. O valor representa aproximadamente 10% do PIB do país e parte desses recursos pode expirar ainda neste ano. Para liberá-los, serão necessárias reformas institucionais, embora haja precedentes de flexibilização por parte da UE, como ocorreu com o premiê polonês Donald Tusk.

Ucrânia deve ser tema central por agora

A primeira viagem oficial de Magyar será a Varsóvia, no início de maio, quando o resultado final da eleição já deverá estar consolidado. Embora tenha maioria constitucional para promover reformas e possa contar com apoio de Bruxelas, a questão da Ucrânia deve ser central nas negociações. Além do empréstimo, também está travado o 20º pacote de sanções da União Europeia contra a Rússia, devido à posição da Hungria.

Masser, CC BY-SA 2.0, WC



Grupo Hezbollah complica acordo de trégua

Cessar-fogo no Líbano

O Hezbollah pediu nesta segunda-feira (13) que o governo do Líbano abandone as negociações previstas com Israel, marcadas para terça-feira (14) em Washington, sob mediação dos Estados Unidos. O líder do grupo, Naim Qassem, classificou o diálogo como inútil em discurso televisionado e afirmou que a facção continuará respondendo aos ataques israelenses no território libanês. Já Wafiq Safa, integrante do conselho político, declarou que o Hezbollah não se considera vinculado a qualquer acordo que venha a ser firmado entre os dois países.

Hezbollah é contra

O governo libanês enfrenta um cenário delicado: além dos bombardeios em sua capital e da presença militar israelense no sul do país, precisa conduzir negociações sem provocar uma reação do Hezbollah, que, além de grupo armado, tem forte presença política e social, especialmente entre a população xiita. Aliados da facção ocupam cargos no próprio governo, dentro do sistema político sectário do país.

Espanha

Um juiz da Espanha decidiu encerrar, nesta segunda-feira (13), as investigações contra a primeira-dama do país, Begoña Gómez. Juan Carlos Peinado a acusa de peculato, tráfico de influência, corrupção e apropriação indevida de marca registrada. Agora, a esposa do premiê Pedro Sánchez tem cinco dias para apresentar argumentos.

Denúncia

Peinado investiga se Gómez, que dirigiu até o início de 2024 um mestrado em gestão na Universidade Complutense de Madri, se beneficiou da posição de seu marido para obter financiamento. A investigação começou após uma denúncia do sindicato de funcionários públicos Manos Limpias

Primeira-dama

A entidade afirmava que a mulher do primeiro-ministro havia usado sua posição para favorecer um empresário, assinando cartas de recomendação que supostamente o teriam ajudado a conseguir mais de 70 milhões (R\$ 64 milhões) em contratos públicos financiados com fundos europeus.

Renúncia

O tribunal de Madri determinou a volta do processo "à fase de diligências prévias". A partir da determinação do tribunal, Peinado precisava decidir se emitiria uma nova acusação contra a esposa de Sánchez. O caso de sua esposa é um dos processos judiciais que cercam Sánchez, a quem a oposição pede constantemente que renuncie.

Luto no Haiti

O governo do Haiti decretou três dias de luto nacional após a morte de 25 pessoas durante um tumulto em uma fortaleza histórica na Citadelle Laferrière, uma das principais atrações turísticas do país, no sábado (11). Inicialmente, o número de mortos havia sido estimado em 30, mas foi revisado, segundo Emmanuel Pierre, chefe nacional da proteção civil.

Solidariedade

Em nota, o governo brasileiro afirmou ter recebido "com profundo pesar" a notícia do acidente e manifestou solidariedade ao povo haitiano, além de condolências às famílias das vítimas e votos de pronta recuperação aos feridos.



Papa não quer entrar em debate com Trump

Papa Leão XIV diz não ter medo de Donald Trump

Após ser chamado de fraco pelo presidente, pontífice reage

Após semanas de tensão crescente entre o papa Leão 14 e Donald Trump, as críticas deixaram de ser indiretas e evoluíram para um confronto verbal aberto, ainda que à distância.

Na noite de domingo (12), o presidente dos Estados Unidos chamou o pontífice de "terrível" e "fraco". Já na manhã de segunda-feira (13), o papa respondeu: "Não tenho medo da administração Trump. Continuarei proclamando em voz alta a mensagem do Evangelho".

Este é o embate mais direto entre os dois desde que Robert Prevost foi eleito papa, em maio do ano passado, tornando-se o primeiro americano a liderar a Igreja Católica.

A declaração foi dada durante o voo de Roma para Argel, primeira etapa de uma viagem de dez dias pela África. Leão 14 afirmou que não pretende entrar em debate político, mas criticou o uso da religião para justificar conflitos e reforçou que seguirá defendendo a paz, o diálogo e o multilateralismo.

O papa destacou o sofrimento causado pelas guerras e disse que é preciso apontar caminhos melhores diante da morte de inocentes.

Horas antes, Trump havia publicado uma mensagem em sua rede social na qual acusou o papa de ser "fraco com a criminalidade" e "péssimo em política exter-

na". Também criticou posições do pontífice sobre o Irã e a Venezuela e sugeriu que sua eleição teria sido favorecida por ele ser americano.

O episódio é visto como incomum. Embora papas já tenham criticado ações dos EUA, ataques tão diretos de um presidente americano ao líder da Igreja Católica são raros.

Depois, Trump voltou a provocar ao publicar uma imagem gerada por inteligência artificial em que aparece vestido como Jesus. A postagem foi apagada, mas ele afirmou que não pediria desculpas.

As declarações ocorrem após semanas em que o papa pede o fim de conflitos envolvendo Irã, Estados Unidos e Israel. Em vigília na Basílica de São Pedro, ele criticou o uso de linguagem religiosa para justificar guerras e afirmou que Deus não abençoa conflitos.

Na Itália, as falas de Trump geraram reação. O presidente Sergio Mattarella e a primeira-ministra Giorgia Meloni manifestaram apoio ao papa. Meloni classificou as declarações como inaceitáveis e destacou que é papel do pontífice defender a paz.

A Conferência Episcopal Italiana também criticou Trump e afirmou que o papa não é um adversário político, mas uma liderança espiritual voltada à dignidade humana, ao diálogo e à responsabilidade.